

# O desvalor das diversidades biológicas e culturais

Categories : [Suzana Padua](#)

O Brasil, apesar de ser um dos líderes de biodiversidade no mundo, não valoriza o que tem e consequentemente sofre grandes processos destrutivos. O que se observa em sua história é o dilapidar de um patrimônio natural de grande riqueza, em função de interesses que não priorizam as necessidades nacionais.

O país tem dirigido sua produção para atender mercados externos cujas demandas variam de acordo com a época. José Augusto Pádua (também colunista do **O Eco**) já em 1987 escreveu um artigo que descreve os ciclos econômicos da história brasileira, assinalando as contínuas perdas e consequentes desastres causados pela devastação da natureza, decorrentes de um modelo extrativista predatório e insustentável, voltado ao mercado internacional. Conforme demonstra o autor, o próprio nome do país acabou sendo trocado por um produto natural, o pau-brasil, “o primeiro elemento da natureza brasileira, passível de ser explorado em larga escala para beneficiar o mercantilismo europeu”. O produto comercial, portanto, acabou se tornando mais importante do que os nomes religiosos que previamente intitulavam o país: Santa Cruz e Vera Cruz.

Perdas similares se deram no campo da cultura. Darrell Posey, que trabalhou no Brasil anos a fio, em 1998 publicou um estudo sobre a diversidade étnica e cultural existente no mundo e concluiu que das seis mil línguas faladas no planeta, entre quatro e cinco mil encontram-se em países de “megadiversidade”. O autor afirma que 60% das línguas faladas estão concentradas em nove países, dos quais seis contêm 60% da diversidade biológica do planeta. Há, portanto, uma correlação entre diversidade cultural e biológica, que passa a ser mais evidenciada com as perdas observadas nos últimos séculos, principalmente como consequência do modelo capitalista de desenvolvimento.

O historiador inglês Clive Ponting analisou minuciosamente o desmantelamento e a descaracterização de culturas e etnias em todo o mundo colonizado, decorrentes da invasão de um modelo de desenvolvimento predatório. No Brasil, o autor chama a atenção para a redução das populações indígenas, que somavam aproximadamente 2,5 milhões de indivíduos quando os europeus chegaram em 1500. Atualmente, esse número é inferior a 200 mil, sendo que as perdas ocorridas no último século continuaram sendo inestimáveis. A metade dos grupos étnicos existentes em 1900 se extinguiu e, segundo o autor, não há indicações dessa tendência reduzir.

De fato, dados atuais do Instituto Socioambiental (ISA) mostram que até meados dos anos 70 acreditava-se no desaparecimento dos povos indígenas como algo inevitável. Nos anos 80, no entanto, verificou-se uma tendência de reversão da curva demográfica e, desde então, a população indígena no país tem crescido de forma constante, indicando uma retomada demográfica por parte da maioria desses povos. Os dados mostram que os mais de 200 povos

---

indígenas contemporâneos no Brasil somam cerca de 370 mil pessoas, o correspondente aproximado a 0,2% da população total do país. Este, porém, é assunto sujeito a diferentes estimativas, segundo o próprio ISA. Mesmo com esse percentual modesto, a diversidade cultural encontrada é inegável, existindo mais de 200 povos indígenas distintos no país. O valor cultural desses grupos se evidencia por conhecimentos adquiridos por meio do convívio com a natureza e da utilização dos recursos naturais encontrados regionalmente. Muitos desses conhecimentos tradicionais têm sido foco de atenção por parte do mundo desenvolvido, que busca sua apropriação para a fabricação de remédios, alimentos e bens de consumo em geral.

O desrespeito às culturas tradicionais e os impactos à diversidade biológica parecem estar intimamente ligados. Na medida em que o sistema econômico dominante não valoriza as diversidades socioambientais, uma minoria passa a ditar as regras em um processo que contribui para concentrar os conhecimentos, os recursos e o poder.

É essa postura de superioridade que faz com que certas culturas se sintam em posição de domínio sobre outras ou sobre os demais seres da natureza que precisa ser transformada. Já é chegada a hora de se praticar respeito, empatia e celebração das diversidades, de modo a dar ao planeta maiores chances de sobreviver e de garantir a perpetuidade das riquezas que herdamos. Sem dúvida trata-se de um novo olhar à própria vida.

É necessária uma mudança na qualidade das relações. Vale a pena relembrar os ensinamentos do pensador alemão Martin Buber, cujas idéias simples contêm grande profundidade. Segundo Buber, as relações caracterizam-se principalmente em dois tipos: Eu-Tu ou Eu-Isso. O Eu-Tu é quando uma pessoa reconhece a outra em sua integridade, com qualidades e defeitos e com seus traços únicos. Nesse tipo de relação, ninguém quer convencer o outro a ser diferente. A troca é verdadeira e um ser se enriquece com o outro, celebrando as diferenças. Já no Eu-Isso, as pessoas não se apercebem das outras. Muito ao contrário, uns se aproveitam dos serviços que os outros proporcionam, mas não há a percepção da integridade do outro.

A mesma abordagem pode ser aplicada às relações com a natureza. Na medida em que o ser humano percebe o valor da vida em geral, manifesta em outras espécies e ecossistemas, o respeito passa a ser mais facilmente incorporado nas posturas e comportamentos. Rubem Alves uma vez mencionou que havia tido uma relação Eu-Tu com uma arvore de ipê amarelo em flor. São estes momentos mágicos que, quem sabe, ajudam a mudar nossa percepção. Mais uma razão para proteger efetivamente nossa natureza tão inspiradora.

Educação é um caminho. Mas a educação com base no respeito às diversidades precisa de fato ser quase que inventada. O modelo tradicional de educar não responde às necessidades do mundo, devido à aceleração das mudanças, ao agravamento das diferenças sociais, às perdas naturais e outras crises. Os caminhos podem não estar definidos, mas a busca é fundamental. Precisamos questionar o passado, ousar mudar e, se errarmos, estarmos prontos a nos perdoar e a novamente querer ajustar para melhorar. Não há receitas prontas, e é por isso que tentar ainda

é a melhor e talvez a única opção, pois aí teremos pelo menos 50% de chance acertar.